



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Narrativas de estudantes do Ensino Médio: como os livros didáticos de História são representados e apropriados?

Mariana de Sá Gaspar¹

Resumo: Apresento parcialmente a pesquisa de mestrado em Didática da História que visou analisar as representações e apropriações de livros didáticos entre estudantes do Ensino Médio de um colégio público do município de Guarapuava (PR) durante os anos de 2019 e 2021. Analisamos dados estatísticos coletados por meio do “Projeto Residente”, bem como narrativas construídas de forma dissertativa pelos(as) estudantes. Percebemos que há memórias constitutivas das representações relacionadas aos seus usos e ao código curricular da História ensinada.

Palavras-chave: Aprendizagem histórica; Cultura histórica; Ensino de História

Narrativas de estudiantes: ¿ como se representan y apropian los manuales escolares de Historia?

Resumen: Presento parcialmente la investigación en Didáctica de la Historia que tuvo como objetivo analizar las representaciones y apropiaciones de materiales escolares entre estudiantes de una escuela pública de la ciudad de Guarapuava (PR) durante los años 2019 y 2021. Analizamos datos estadísticos recopilados a través de la “Proyecto Residente”, así como narrativas construidas por los estudiantes. Nos dimos cuenta de que existen memorias constitutivas de las representaciones, relacionadas con sus usos y el código curricular de la Historia enseñada.

Palabras clave: Aprendizaje histórico; Cultura histórica; Enseñanza de la Historia

Introdução

Os livros didáticos ocupam um significativo papel na História escolar, especialmente nas escolas das redes públicas de ensino que utilizam os materiais do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Como uma das principais fontes analisadas pelo Ensino de História há décadas, os materiais didáticos possuem várias possibilidades de investigação, pois, consistem em objetos complexos^{II} que envolvem diferentes sujeitos em seu processo de elaboração, produção, avaliação, escolha e usos.

Essas dimensões proporcionam a produção de diferentes problemáticas de pesquisa. No Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, os primeiros pesquisadores se preocuparam em analisar a ideologia nos livros pelo viés do materialismo histórico e dialético, enquanto que as pesquisas posteriores, já no campo do Ensino de História, impulsionados pela crítica à História escolar tradicional no processo de redemocratização pós Ditadura, analisaram os conteúdos e as categorias históricas apresentadas nos materiais. No entanto, a análise dos consumos desses

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

materiais ainda é incipiente no campo do Ensino de História, havendo poucas pesquisas de grande porte que realizaram esses esforços.

Tendo em vista a importância dos(as) estudantes, enquanto sujeitos históricos ativos em sua aprendizagem, dotados de experiências e produções de sentido sobre o tempo e a história, se faz fundamental refletir sobre o que eles(elas) pensam a respeito dos livros didáticos que utilizam no cotidiano escolar. O que é o livro didático para os(as) jovens? Qual sua importância? Como são usados dentro e fora da sala de aula? Esses foram alguns dos questionamentos que nortearam a pesquisa de mestrado acadêmico a ser apresentada. Afinal, analisar o livro didático é relevante, mas compreender como ele é utilizado e ressignificado corriqueiramente na vida escolar é fundamental, haja vista que

As práticas (...) são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são objecto fundamental da história cultural^{III}.

A partir dessa perspectiva, analisamos como os(as) estudantes do Ensino Médio de um colégio público estadual do município de Guarapuava (Paraná) representaram os livros didáticos de História e como utilizaram tais materiais nos anos de 2019 (de forma presencial em sala de aula no contexto anterior à pandemia) e 2021 (de forma remota no contexto da pandemia da Covid-19).

Instrumentos

O número de estudantes colaboradores(as) da pesquisa no ano de 2019 consistiu em 128, já no ano de 2021, 22 estudantes participaram. Essa significativa diferença se deu devido às dificuldades de acesso e realização da pesquisa durante a pandemia, pois, os(as) estudantes puderam participar somente de forma remota, através das aulas virtuais, nas quais poucos(as) tinham acesso e estavam frequentando ativamente, fato que escancarou a desigualdade em relação ao direito à educação dos adolescentes e jovens.

O colégio que participou da pesquisa integra a rede estadual de ensino público do Paraná. Localizado próximo à região central da cidade de Guarapuava, atende estudantes de diferentes bairros da cidade, inclusive, periféricos. As turmas de Ensino Médio participantes da pesquisa, tanto no ano de 2019, como no ano de 2021, eram formadas por adolescentes e jovens, entre 14 e 19 anos.

As autorizações para a aplicação do instrumento de pesquisa passaram não somente pela apresentação do projeto e aprovação do Comitê de Ética da universidade onde a pesquisa foi realizada, mas também pela equipe técnica do Núcleo Regional de Educação (NRE) do município de Guarapuava, bem como pela Secretaria Estadual da Educação do Estado do Paraná (SEED). Esse processo demandou tempo e o envio de uma série de documentações. A fim de manter o anonimato dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, seus nomes não foram mencionados nos instrumentos e na pesquisa, bem como a indicação do colégio participante.

As primeiras fontes utilizadas foram os dados coletados em 2019 pelo “Projeto Residente: observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina”. Desse modo, a aplicação desse instrumento foi realizada por outros(as) pesquisadores(as) previamente ao desenvolvimento da pesquisa. O Projeto Residente consiste em uma pesquisa coordenada

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

pelo professor Dr. Luis Fernando Cerri, que conta com a participação de diferentes pesquisadores(as) da América Latina e visa investigar questões relacionadas principalmente à cultura histórica e à cultura política entre jovens estudantes dos países participantes.

Esses dados foram coletados por meio de questionários respondidos objetivamente por estudantes do Ensino Médio. Depois de computadas, as respostas se configuraram como dados estatísticos gerados pelo *software SPSS Statistics*, o qual consiste em uma “ferramenta que inclui uma ampla variedade de funcionalidade para acessar facilmente e gerir simultaneamente uma grande quantidade de dados, permitindo múltiplas formas de apresentação em tabelas e gráficos”^{IV}. Como o *software* permite analisar amostras específicas, estabelecemos como recorte de análise os dados do município de Guarapuava, sendo selecionadas as repostas dos(as) estudantes referentes às problemáticas da investigação, isto é, sobre os materiais didáticos.

No geral, as questões do instrumento possuíam cinco opções de assinalação, baseadas na escala *Likert*, onde o(a) respondente geralmente avalia um fenômeno dentro de cinco graus de concordância ou discordância. Cada opção de resposta equivalia a um item da escala, respectivamente: -2, -1, 0, 1 e 2, o que possibilitou o cálculo estatístico gerado pelo *software*. As assinalações são apresentadas pelo *software* a partir da média, da moda e do desvio padrão das repostas, ou seja, da soma dos valores dos itens divididos pelo número da amostra; dos valores mais assinalados em cada questão; e dos valores mais distantes das médias, respectivamente.

Em um primeiro momento, tais dados foram analisados e, a partir de questionamentos, hipóteses e constatações realizadas, foram produzidas as demais fontes no ano de 2021, que consistiram em questionários com questões objetivas e dissertativas sobre as definições, a importância e as formas de uso do material didático, aplicados entre estudantes do Ensino Médio do mesmo colégio que participou do Projeto Residente. A professora de História das turmas participantes também era a mesma das turmas que responderam ao questionário do projeto em 2019, no entanto, a maioria dos(as) estudantes não eram os mesmos.

Com a pandemia instaurada no Brasil no início de 2020, a Secretaria Estadual da Educação do Estado do Paraná (SEED), determinou o ensino remoto, pouco tempo após o início do ano letivo. Assim, o questionário produzido pela pesquisa e aplicado no ano de 2021, foi formulado e respondido por meio da ferramenta *Google Forms*, haja vista que as aulas da rede pública no estado do Paraná estavam acontecendo de forma remota pelo *Google Meet*. Conforme determinação do NRE, apenas os estudantes que estavam participando deste formato de aulas puderam responder ao instrumento. Desse modo, poucos participaram. Além de nem todos(as) os(as) estudantes terem acesso a esse formato, muitos também recusaram a responder, dificuldade também encontrada pela docente nas demais aulas, pois, de forma remota não conseguia acompanhar a participação efetiva de cada estudante.

Aspectos teóricos e metodológicos

Tendo diferentes instrumentos de pesquisa: dados estatísticos de 2019 do Projeto Residente e respostas dissertativas ao questionário aplicado em 2021, associamos os métodos quantitativo e qualitativo, haja vista que ambos se complementaram e apresentaram potencial de contribuição para a análise das problemáticas da pesquisa. Embora na área da História, por vezes, os dados quantitativos sejam refutados devido a suposta falta de subjetividade, compreendemos que

Enquanto participante do processo de construção do conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequem à sua questão de pesquisa.

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

Do ponto de vista prático existem razões de ordens diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem, ou outra^V.

Afinal, ao responderem às questões do Projeto Residente, os(as) estudantes realizaram a interpretação a partir de suas experiências com os materiais didáticos no nível da consciência histórica, construindo uma narrativa de orientação. Mesmo que não tenham dissertado suas respostas, suas assinalações às questões são resultantes desse processo.

Tendo em vista essa compreensão, a investigação se insere nas discussões da Didática da História, pois busca analisar os usos e as funções dos livros didáticos, importantes elementos constitutivos da história escolar. Essa busca está diretamente relacionada às interpretações sobre os livros construídas culturalmente e operadas pela consciência histórica.

A consciência histórica pode ser definida como uma operação mental inerente a todos os indivíduos. Tal consciência, relaciona as dimensões temporais que geram sentido ao tempo, através da experiência, da interpretação e da orientação. Para o historiador, a partir da necessidade de constituição de sentido no presente, a experiência histórica (quando o passado é percebido enquanto tal) é interpretada, isto é, colocada em ordenação com outros acontecimentos em uma conexão temporal, criando uma representação do tempo (apresentada de forma narrativa), que orienta o futuro, motivando o agir na vida prática.^{VI}

Conforme Bergmann,

Uma reflexão é histórico-didática na medida em que investiga seu objeto sob o ponto de vista da prática da vida real, isto é, na medida em que, no que se refere ao ensino e à aprendizagem, se preocupa com o conteúdo que é realmente transmitido, com o que podia e com o que devia ser transmitido^{VII}.

Quando a reflexão didática da História é realizada, isto é, se reflete sobre a própria área em relação à sua dimensão real, visamos compreender suas relações com a sociedade e com os meios de produção de sentidos (e, conseqüentemente, de narrativas), sejam no ambiente escolar ou fora dele, onde a história desempenha determinadas funções. Visamos analisar a interrelação entre as experiências culturais com os livros didáticos, vividas concretamente no cotidiano e as interpretações sobre o material construídas pelos(as) estudantes.

A fim de responder a tais problemáticas, os conceitos de representação e apropriação^{VIII} foram um caminho teórico-metodológico interessante para a investigação, pois os livros didáticos são objetos da cultura escolar e da cultura histórica, estão ligados aos modos de produção, de utilização e às relações de poder entre mercado, Estado, instituição escolar, professores(as) e estudantes. Dependem diretamente dos usos e ressignificações empregadas pelos sujeitos que os consomem.

Culpados por erros, acusados de difusores de ideologia, vistos muitas vezes como os grandes “vilões” do ensino de História, não é incomum os livros didáticos serem alvos de críticas no âmbito acadêmico, escolar e até mesmo no debate público, tornando-se um tema polêmico. Esse fato expressa o quão influente é esse objeto na cultura brasileira e o quanto se relaciona com a cultura histórica, definida como a manifestação prática das operações da consciência histórica, que engloba as diferentes narrativas (representações) que são os resultados empíricos dessa consciência na vida cotidiana e participam da formação da identidade histórica dos sujeitos, integrando suas memórias^{IX}.

Desse modo, os livros didáticos sempre foram e são abordados, em diversos meios, a partir de lugares de disputa. Acusações de ordem política, de diferentes posições, em certos

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

momentos históricos, se articularam como argumentos de caráter acadêmico, pedagógico, técnico, cognitivo ou ideológico. Afinal, os livros didáticos, enquanto elementos constitutivos da História escolar, estão relacionados aos interesses em relação ao futuro, ao que se deseja que seja ensinado e aprendido pelas novas gerações.

O contato com os livros didáticos se constitui como uma cultura de significações, recepções e práticas e que, portanto, se relaciona com as maneiras de estudar, de trabalhar, de ensinar, de aprender, repletas de memórias, valores e sentidos. São objetos culturais e memoriais, carregados de sentidos construídos historicamente e socialmente.

A representação, enquanto instrumento das análises da Nova História Cultural, é compreendida enquanto uma construção cultural de significação, sendo uma relação de presença da ausência (podendo consistir em uma imagem reconstituída pela memória que substitui um objeto concreto, ou um símbolo), bem como pode referir-se a uma presença: “por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”^X.

A representação pode atribuir um sentido distinto ao seu referente e constrói o próprio mundo social. Desvia-se e transforma-se em um mecanismo que gera respeito e submissão no âmbito da dominação simbólica. As representações expressam conflitos, tensões e relações entre presença e ausência, influenciando e sendo produzidas por meio de práticas. Além disso, constroem identidades sociais, a partir das relações “de força” entre os sujeitos coletivos. O mundo é, assim, compreendido não por uma divisão dicotômica entre dominantes e dominados, mas como fruto de representações^{XI}.

Roger Chartier aponta que as representações devem ser pensadas conjuntamente com as formas de recepção e ressignificação dos sujeitos, ou seja, a partir da apropriação. Tal conceito é definido pelo autor, no caso dos estudos relacionados à História dos livros e da leitura, como as formas com que os(as) leitores(as) (ou ouvintes) interpretam e atribuem sentido ao que leem (ou ouvem), conforme seus condicionamentos e suas formas culturais de recepção do texto. Esta concepção permite compreender que diferentes sujeitos que têm acesso aos mesmos textos, ideias e bens, os consomem e os interpretam de maneiras diferenciadas e contrastantes^{XII}.

Compreendemos as diferenças de contextos entre 2019 e 2021, recortes temporais da pesquisa, pontuadas na análise das fontes. No entanto, embora as perguntas do questionário aplicado no ano de 2021 tenham inquirido os(as) estudantes no presente, as respostas não se referiram somente ao ano de 2021, mas muitos(as) narraram suas memórias de experiências e percepções sobre os livros didáticos construídas ao longo da sua vida escolar e da própria cultura escolar. Dessa maneira, a análise das fontes de 2019 e 2021 não se desenvolveu de forma separada, pois, as representações e apropriações são construções repletas de historicidade^{XIII}.

Conforme Garcia:

Não basta observar as aulas e descrever como elas acontecem com a presença dos livros. Há historicidade nessas práticas de uso do livro (...) e, portanto, há relações que só podem ser explicitadas se o pesquisador considerar processos para além daqueles que está acompanhando em dado momento^{XIV}.

O que foi respondido em ambas as fontes se relaciona a outras temporalidades e significações construídas no cotidiano, principalmente na escola. É também por esse motivo que não foram analisados livros didáticos específicos utilizados somente nos anos do recorte da

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

pesquisa, mas buscamos inquirir sobre as representações do material construídas pela memória histórica.

Representações e apropriações dos livros didáticos

Quando questionados(as) sobre o que normalmente acontece nas aulas de História, constatou-se que os materiais didáticos eram utilizados com frequência em 2019, quando as aulas eram presenciais. Dentre as 128 respostas, 50 estudantes indicaram que os livros eram utilizados com frequência e 37 assinalaram que utilizavam sempre nas aulas. Isso representa 68% das respostas, o que atesta que os materiais didáticos, de fato, tinham presença marcante nas aulas de História do colégio investigado, afinal, estes consistem no “principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar”^{XV}.

São diversos os fatores que implicam nessa forte utilização que constatamos. O uso do livro didático no cotidiano se relaciona às características do saber escolar construído desde a institucionalização da História^{XVI}, além de os materiais consistirem em mercadorias produzidas pela indústria cultural, sendo uma das principais fontes de lucro de grandes editoras detentoras de capital internacional^{XVII}.

É preciso considerar também a existência da política pública do Estado brasileiro voltada aos livros didáticos: o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), existente desde 1985, que é responsável pela seleção, compra e distribuição de materiais didáticos voltados às escolas das redes públicas de ensino. Devido à sua dimensão, o PNLD consiste no “maior programa de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos vigente no planeta atualmente”^{XVIII} e ainda “uma das políticas públicas implementadas pelo Governo Federal de maior impacto”^{XIX}. Dessa forma, certamente um dos principais aspectos relevantes, que condiciona os livros didáticos a serem materiais com forte presença nas aulas de História, é a existência do programa.

No entanto, constatamos que durante a pandemia, o livro didático foi menos utilizado. Isso pode ser verificado em respostas dos(as) estudantes ao questionário aplicado em 2021, como: “O livro foi usado mais em sala de aula, agora em casa não estamos usando muito” e “No período presencial eu usava bastante o livro”. Com as aulas remotas, que se diferenciaram das práticas corriqueiras do ambiente escolar, o uso do material didático pareceu fazer pouco sentido. Assim, temos um indicativo de que o livro didático em formato digital, embora exigido pelo PNLD, ainda não se efetivou como uma nova tradição escolar.

Tendo pontuado que o livro didático de História foi frequentemente utilizado em 2019 entre as turmas participantes, apresentamos a seguir quais eram as apropriações feitas por meio das médias e modas das respostas.

Tabela 1 - Formas de utilização do livro didático de História (2019)

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

8- Como é usado o livro didático em suas aulas e estudos de história?	Média	Moda
8.1 Lemos o livro juntos durante a aula.	0,01	0
8.2 O professor usa o livro e alterna com outros materiais e atividades.	0,66	1
8.3 Estudamos e lemos em casa as partes indicadas pelo professor.	-0,06	0
8.4 O professor explica a matéria e diz o que é mais importante no livro.	0,68	1
8.5 O professor explica a matéria independente do livro.	0,99	2
8.6 Usamos apenas alguns capítulos ou partes do livro durante o ano.	0,62	1
8.7 Fazemos as atividades e exercícios recomendados no livro.	0,75	1
8.8 Copiamos partes do livro no caderno.	0,05	0
8.9 Usamos vários livros diferentes.	-0,97	-2
8.10 Usamos fotocópias de partes de livros.	-0,5	0

Fonte: Dados do Projeto Residente, organizados pela autora (2019).

As cinco opções de assinalação para cada questão eram: “nunca”; “quase nunca”; “às vezes”; “frequentemente” e “sempre”, que, na escala, correspondiam aos valores: -2; -1; 0; 1; e 2, respectivamente. A maior média é a da questão 8.5, que corresponde à opção de resposta “frequentemente”, enquanto que a moda indica que de fato foi a opção mais assinalada. Dessa forma, embora o livro didático tivesse uma presença muito significativa nas aulas de História do colégio, é possível perceber que a professora não era necessariamente dependente do material na sua prática para todos os conteúdos, selecionando determinadas abordagens, como também pode ser constatado pela média da questão 8.6.

Ao questionarmos se isso ainda ocorria em 2021 e se os(as) estudantes achavam isso bom ou ruim e por quais motivos, obtivemos respostas como: “Também faz discussões sem o livro acho bom por que traz um pouco mais além do que há só no livro” [sic]; “Isso é bom por q tem vez q o livro é confuso” [sic]; “Nem sempre é usado o livro, acho isso bom também. Parece mais legal.”; “Eu acredito que vai de prof para prof o livro é um meio de busca mais também temos que ter a visão de hoje em dia.” [sic]; “A professora explica a matéria e traz discussões sem o livro, eu acho isso bom porque se sempre a professora usar o livro eu acho que fica meio chato”; “Eu acho muito bom, faz a gente pensar mais sobre o assunto e se envolver mais na aula”; “também faz discussões sem o livro, acho bom pra não se apegar em só uma maneira de ter aula”; “Não, ele explica e faz discussões sem o livro. Bom, porque mostra que a outras formas de passar o conteúdo sem precisar apenas do livro” [sic].

Como evidenciado pelas narrativas, o material é considerado, muitas vezes, “chato” e distante do presente e da realidade dos(as) adolescentes, sendo que a professora, provavelmente, estabelece contrapontos com sua narrativa. Desse modo, “Embora seja considerado pelos alunos como um símbolo poderoso da cultura escolar e um objeto significativo, nem sempre as práticas de leitura e de estudo desse material são consideradas prazerosas”^{XX}. Essa ambiguidade foi evidenciada nos dados de Guarapuava coletados em 2019 pelo Projeto Residente. Embora a maioria dos(as) estudantes tenha afirmado confiar, não gosta dos materiais didáticos.

A confiança certamente possui relação com a cultura escolar e ao poder do material escrito como referência de veracidade. Em relação à pouca apreciação dos materiais, alguns estudantes do Ensino Médio não estabelecem nenhum sentido entre o conteúdo presente no livro didático (especialmente relacionado à História Antiga) com suas vidas ou seu presente,

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

assim como acham a linguagem dos livros complicada e de difícil compreensão. Além disso, parece ser considerado insuficiente e difícil muitas vezes, com narrativas enfadonhas^{XXI}.

Esse distanciamento da realidade, do presente, dos interesses e da linguagem dos(as) adolescentes foi ressaltado nas respostas produzidas em 2021, que evidenciaram a importância da explicação e das intervenções da docente para a interpretação do material. Ao mesmo passo que é interessante que o(a) professor(a) tenha seu conhecimento valorizado, isso também pode representar uma limitação à aprendizagem histórica, haja vista que a narrativa produzida pelo(a) docente venha a ser compreendida como uma verdade histórica, ao invés de ser interpretada como uma possibilidade de interpretação e construção narrativa, mesmo que possa ser vinculada ao saber profissional. Ou seja, pode ser compreendida como uma explicação real tal qual foi o passado, o que vai de contramão à concepção atual de “verdade” para a historiografia.

A aprendizagem para os(as) estudantes significa “entender a matéria” e isso está relacionado à boa explicação da professora, inclusive explicação do próprio livro, além do uso de outros materiais, o que torna a aula menos enfadonha e mais “curiosa”.

A narrativa histórica pode ser compreendida enquanto aprendizado quando “as competências forem adquiridas através de uma função produtiva do sujeito, com as quais a história será apontada como fator de orientação cultural na vida prática humana relacionada a três dimensões temporais (...)”^{XXII}, sendo estas o passado, o presente e o futuro.

Para Rüsen,

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendiz e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana^{XXIII}.

Desse modo, a aprendizagem histórica ocorre quando as operações da consciência histórica são trabalhadas a partir dos próprios fundamentos da ciência histórica, fazendo sentido para a orientação na vida prática. Isso inclui o passado fazer sentido para o presente, ou seja, quando há a “presença perceptível do passado”, a valorização da subjetividade do(a) aprendiz e de sua “carência de orientação” no presente, e a relação entre diferentes sujeitos para a construção da identidade histórica através de uma comunicação argumentativa^{XXIV}.

É possível afirmar a construção de uma certa dependência dos(as) estudantes em relação ao livro didático e à fala da docente, considerados elementos importantes e constitutivos da História escolar. Devido às formas de uso, o livro ganha protagonismo, gerando percepções não somente sobre o objeto, mas sobre a própria História: ela está no livro e basta acessá-lo para aprender. Assim, a grande problemática não recai no uso frequente do livro, mas na compreensão do material como um portador da verdade sobre a História (e sobre o passado). A ideia de busca da verdade absoluta do passado pela produção historiográfica foi rompida há décadas e, dessa maneira, o livro didático enquanto objeto em relação direta com esse conhecimento, deve ser percebido também como um material que “não contém a verdade, mas é um produto cultural, historicamente datado, resultante de uma forma de pensar e produzir o conhecimento”^{XXV}.

A segunda maior média é a da questão 8.7, indicando que era comum a realização de exercícios e atividades contidas nos livros. Ao questionarmos em 2021 quais eram os exercícios realizados nas aulas com o uso do material, os(as) estudantes responderam que consistiam em interpretações da narrativa do livro, questões do próprio livro ou elaboradas pela professora e a

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

realização de pesquisas com o material. Entre os(as) 22 estudantes que responderam ao questionário, 14 utilizavam o livro para fazer pesquisas, 19 para atividades em sala de aula, 10 para atividades em casa, 18 para estudar para provas e trabalhos e quatro para estudar para Enem e vestibulares.

Embora a professora exercesse escolhas sobre as partes do livro que utilizava nas aulas, o que denota o exercício de sua autonomia, os dados de 2019 e as repostas dos(as) colaboradores(as) de 2021 revelam através das características em relação ao uso do livro didático, uma “tradição inventada”: o código disciplinar da disciplina de História. Aulas expositivas, seguidas do uso do material didático e da realização de exercícios, são apropriações que fazem parte da própria constituição e organização histórica da História escolar^{XXVI}.

O conceito de código disciplinar se refere à tradição social das disciplinas escolares, a qual engloba ideias, valores e práticas rotineiras, que regulamentam o ensino das disciplinas (no caso, da História), e legitimam suas funções educativas. Relaciona as características originais das mesmas às mudanças construídas conforme os currículos e demandas sociais da escola.

O código disciplinar pode ser definido como

el conjunto de ideas, valores, suposiciones, reglamentaciones y rutinas prácticas (de carácter expreso o tácito) que orientan la práctica profesional de los docentes. En suma, el elenco de ideas, discursos y modos de hacer determinantes de la enseñanza de la Historia dentro del marco escolar^{XXVII}.

Para o autor, os manuais didáticos são parte constitutiva das características do código disciplinar, fazendo parte da sua própria invenção. Mantêm elementos advindos da concepção religiosa de ensino, a partir do método catequético de memorização, seguido por uma ordem cronológica linear, evidenciando um caráter de progresso do tempo e da história, ordenando os acontecimentos postulados como memoráveis e importantes.

Quando questionados, por meio do questionário aplicado em 2021, a respeito das memórias sobre o uso do livro no Ensino Fundamental, a maioria dos(as) estudantes respondeu que o livro didático costumava ser muito utilizado. Alguns enfatizaram que a utilização se voltava para a leitura, exercícios e atividades, para o estudo do conteúdo, conforme o código disciplinar: “a gente fazia muita atividade com o livro e ainda fazemos”; “em muitas aulas eu usei ele para fazer atividades e copiar textos”; “foi de extrema importância, usado com bastante frequência durante esse período, tanto para leitura tanto quanto para responder atividades e exercícios.”; “Me ajudou muito nas provas”; “toda aula era usado.”; “fazemos leituras sobre diversos conteúdos, pesquisas e atividades do livro.”

Assim, o livro tinha protagonismo em tais práticas em sala de aula, sendo apropriado rotineiramente durante a vida escolar dos(as) estudantes. As memórias se vinculam à utilização do material didático nas aulas de História, o que certamente influenciou nas representações sobre o objeto. Como afirmou um dos estudantes: “As aulas são a preparação para o estudo, e por meio do livro podemos realmente estudar sobre o que foi dito pelo(a) professor(a).”, assim, muitas das explicações feitas pela professora estão relacionadas aos conteúdos do material. O livro acaba por materializar tais conteúdos, que mesmo abordados pela fala da docente, podem ser consultados no material para sua verificação.

Uma das médias mais altas foi referente à questão 8.2: “O professor usa o livro e alterna com outros materiais e atividades”. Nas fontes produzidas em 2021, a maioria dos(as) adolescentes afirmou que o livro era mais utilizado do que outros materiais, mas que a

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

professora costumava também trabalhar significativamente com outras fontes, sendo as mais citadas: imagens, vídeos, filmes, slides, músicas, charges e esquemas/mapas mentais. Através das narrativas, percebemos que muitos(as) apreciavam o uso de fontes históricas e acreditavam que esse uso permitia compreender melhor o que estava sendo trabalhado em sala de aula. No entanto, algumas respostas evidenciaram que as fontes utilizadas foram interpretadas como uma forma de ilustrar e facilitar o entendimento do passado, como é o caso das próprias imagens presente nos livros.

Como demonstrado pelos dados, algumas apropriações do livro didático ocorriam momentaneamente como cópias de partes do livro no caderno; leituras e uso do material em casa; uso para leituras coletivas; e o uso de fotocópias de livros. Através das fontes de 2021, percebemos que as cópias do livro no caderno e o uso do material em casa, por serem apropriações mais subjetivas, nas quais os(as) estudantes desempenharam maior autonomia para realizar ou não, as apropriações foram bastante variadas, ou seja, enquanto que alguns realizavam tais atividades, outros não. As leituras coletivas e o uso de fotocópias costumavam ocorrer somente nas aulas presenciais, afinal, são apropriações que costumavam ser realizadas no ambiente coletivo da sala de aula.

Por fim, a menor média da questão 8, corresponde às respostas da questão 8.9, sobre o uso de vários livros diferentes nas aulas. O mesmo ocorreu em 2021. Assim, o livro didático teve protagonismo no ensino e na aprendizagem da História escolar em relação a outros tipos de livros.

Os(as) estudantes destacaram a importância do material, como pode ser evidenciado nas seguintes repostas: “Um meio de busca que para mim ajuda muito!”; “Um material de ESTUDO, grandemente útil para revisar conteúdos e se aprofundar nos temas passados nas aulas”; “muito importante pois tem varios aproveitamento no livro” [sic.]; “Um material escolar importantíssimo”; “É uma fonte de informação muito útil”.

Mais do que um objeto utilizado nas aulas, um livro de História ou qualquer outra definição, ele é associado diretamente à utilidade e importância que possui no cotidiano escolar dos(as) adolescentes.

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão (...)^{XXVIII}.

Embora o livro didático de História seja “apenas” um objeto, recebe sentidos criados pelos sujeitos sociais que lhe conferem poder. Isso se relaciona às apropriações cotidianas que atribuem destaque ao material e, desse modo, condicionam representações que denotam sua grande relevância.

Compreendido como um material fundamental para a História, especialmente no caso brasileiro, o livro didático passa a ter protagonismo nas formas de buscar, de aprender, de ler, etc. e, conseqüentemente, é muito importante para a cultura histórica nacional. Como definiu uma estudante: “Livro didático de Historia para mim significa a abertura de um portal (...)” [sic]. Essa definição quase poética do que é o livro didático demonstra que, ao menos no momento de criar sua narrativa para responder à questão, a estudante associou o livro a um meio de extrema importância para o conhecimento. O mesmo pôde ser percebido na pesquisa de Isaíde Timbó^{XXIX}, que demonstrou uma certa sacralização do material didático por parte dos(as) estudantes.

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

Dessa forma, o sentido atribuído ao referente (livro didático de História) diz respeito à “presença da ausência”^{xxx}, ou seja, ao poder simbólico que o livro representa, não sendo apenas um material, mas sim um material de grande relevância, uma das formas mais utilizadas para aprender sobre História.

Quando questionados(as) sobre a importância do livro didático de História, as narrativas dos(as) estudantes focaram na utilidade do material para eles e elas próprios(as), como afirmou um estudante: “Acho importante, porque ajuda bastante nós alunos”. Algumas relacionaram a importância ao seu uso escolar, como: “ele ajuda a estudar para as provas”; “nele existem informações importantes, para provas/trabalhos; “principalmente quando estamos presencialmente na escola para fazer pesquisas”. Dessa forma, o livro é fundamental para estudarem para os processos de avaliação da aprendizagem, especialmente nas aulas presenciais. Como apontou um dos colaboradores, o livro ajuda, portanto, “Para se dar bem na matéria”.

Na mesma perspectiva, a busca de informações, conhecimento e aprendizagem são destacadas em outras narrativas: “ele nos traz muitos conhecimentos” [sic.]; “para um melhor aprendizado”; “nos ajuda muito a aprender e entender melhor as coisas” [sic.]; “ele ajuda muito a aprender as matérias”; tem muitos ensinamentos, fatos, acho bem completo”; “Sim, porque contém tanta informação”; “nele contém muitas informações que podem interferir no nosso conhecimento, pra mim, conforme mais explorado mais conhecimento sobre a história da humanidade, um tema que eu gosto muito!”. Como podemos notar, há uma exaltação positiva do uso do livro. As respostas indicam que o livro é essencial para o que compreendem como aprendizagem, contendo informações que ajudam a adquirir conhecimento. No entanto, como mencionamos, o livro depende também da explicação da professora para que haja uma melhor compreensão dos conteúdos e abordagens.

Ao relatarem sobre a importância do material, surgiram apontamentos sobre a materialidade dos livros, como afirmou uma estudante: “Eu gosto dos livros físicos”. Assim, embora os livros do PNLN atualmente também possuam uma versão digital, sendo utilizados (mesmo que poucas vezes) pelas turmas colaboradoras durante a pandemia nesse formato, os livros físicos parecem ter preferência tanto entre os(as) estudantes como para a professora, certamente pelo costume e pela facilidade de manusear, trabalhar e estudar, pois

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si, separado de toda a materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor^{xxxI}.

Além do apreço pelo formato físico do livro didático, precisamos considerar a dificuldade de acesso ao formato digital, realidade de muitos(as) estudantes das escolas públicas brasileiras. Embora haja discursos difundidos pela mídia e por alguns governos de que estamos na “era digital” e que a educação vem se adequando a tal cenário, isso não se aplica à realidade brasileira, haja vista a desigualdade social. O contexto da pandemia da Covid-19 escancarou esse problema, afinal, como já mencionamos, muitos(as) estudantes não puderam participar das aulas e atividades remotas realizadas de forma virtual no caso do estado do Paraná.

Outras narrativas apontaram a importância do livro para a materialização do conteúdo, do próprio passado e da história, estes últimos talvez compreendidos como sinônimos. Conforme narrou um adolescente: “a história tem que estar registrada em algum lugar para podermos ler e aprender”. Há o entendimento da importância da narrativa escrita para a

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

História, mas no sentido de estar “registrada”, fixada, como se fosse um passado a ser revisto ou possível de ser aprendido tal como foi, através da leitura, já que não existe mais.

Estudar história nessa concepção, é estudar o que outros experienciaram no passado. Há um deslocamento do “eu” do presente e do “outro” do passado. Pela impossibilidade do livro de trabalhar com as especificidades de cada estudante ou grupo de estudantes, e pela tradição de muitos livros em não abordar a perspectiva do presente e de aproximar as narrativas à realidade dos(as) jovens brasileiros(as), essa concepção sobre o livro didático e sobre a própria história pode acabar sendo reforçada, o que se distancia das discussões atuais sobre a aprendizagem histórica, que levam em consideração as carências de orientação do presente e da realidade vivenciada pelos(as) estudantes.

Outro aspecto em relação à materialidade do livro é a menção das imagens que os materiais costumam apresentar. Dentre os materiais mais utilizados em sala de aula pelas turmas participantes, além do livro didático, as imagens ficaram em primeiro lugar. Há um grande apreço dos(as) estudantes na utilização de tais fontes, embora elas representem o papel de “fixar” ou “ilustrar” o conteúdo na concepção dos(as) estudantes: “tudo bem explicado com imagens”; “tem alguns conteúdos que é necessário fixar, pois possui imagens para ilustrar”. Costa, Salis e Salis (2018) discutem que, para muitos(as) estudantes, aprender História significa aprender o passado e que o livro é importante para conferir materialidade aos “tempos antigos”, inclusive através das fontes históricas que apresenta, que são concebidas de forma comprobatória e ilustrativa desse passado. Assim,

(...) o aluno, ao longo de sua vivência escolar, paulatinamente, constrói uma perspectiva ‘míope’ do que é História, ou seja, uma visão longínqua e embaçada de um passado que ganha nitidez por intermédio das páginas do livro didático. Com isso, a História vai perdendo vivacidade, importância e dinamicidade com relação ao presente e ao futuro dos sujeitos (...)^{xxxii}.

A respeito dessa materialização da história, uma estudante demonstrou em sua narrativa a importância das imagens e de alguns conteúdos específicos: “Até hoje consigo lembrar de fotos de múmias, do holocausto, lembro das guerras. Até hoje o que eu aprendi lá estou sabendo agora”. Nesse sentido, o livro didático é certamente um dos meios mais importantes para o consumo de história desta estudante. Sua narrativa denota a influência do livro para a cultura histórica, na construção de memórias relacionadas às temáticas abordadas pelos materiais na experiência cotidiana de suas apropriações, rememoradas no presente e que constroem representações sobre o mesmo e sobre a história.

A narrativa de um estudante enfatiza o livro didático enquanto elemento constitutivo das aulas de História, denotando, em sua perspectiva, sua importância fundamental para a aprendizagem: “Foi usado bastante porque sem ele não iríamos aprender a matéria”. Outras respostas associaram o uso ao longo do percurso escolar a essa característica, como: “antes, eu ainda não sabia a importância do material para o estudo. Agora eu sei que foi deveras importante, e continuo me aprofundando sempre através dele.”

Quando questionados sobre o uso do livro didático ao longo da vida escolar, estudantes destacaram a prática dos(as) professores(as), reconhecendo, assim, a importância desses sujeitos na organização e constituição das aulas de História: “depende muito do professor pois tem uns que usam mais que os outros”; “a professora gostava de usar ele”; “tem professores que não costumavam usar, mais sempre que eu tinha alguma dúvida eu buscava no livro” [sic.]. Sem dúvida, as práticas docentes condicionaram tais representações. Se utilizavam e como

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

utilizavam o material é fundamental para o entendimento do que é o livro didático e qual sua importância. São estabelecidas relações de poder em sala de aula, como o comando de leituras, atividades e avaliações por meio do livro, embora em alguns momentos, como foi relatado na última resposta, os(as) estudantes desempenhem sua autonomia para usar o livro didático, afinal, este é de fácil acesso. Assim, os(as) docentes têm um papel importante para a construção do entendimento e da importância conferida ao material didático.

Considerações

As representações dos livros estão relacionadas às apropriações cotidianas do material, tanto experienciadas ao longo do percurso escolar pelos(as) próprios(as) estudantes colaboradores(as) da pesquisa, como também têm relações com a cultura escolar, que coloca os materiais didáticos em evidência, bem como com a cultura histórica, haja vista que existe uma memória social do que é e de como se usa o livro didático.

Para concluir nossa breve reflexão, é importante mencionar as modificações que o PNLN sofreu pelo Decreto Nº 9.099/2017, do governo Temer, revogando o Decreto Nº 7.084/2010, o qual formalizava o programa como uma política pública nacional. Dentre as mudanças, o PNLN passou a estar em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio, os quais, segundo pesquisadores(as)^{xxxiii} evidenciaram uma perspectiva que destoava das propostas que o campo do Ensino de História vinha discutindo nas últimas décadas.

Portanto, cabe a realização de novas investigações que levem em consideração tais modificações, a fim de avaliar a situação atual e discutir possibilidades de resistência e de construção de aprendizagens significativas junto aos(as) estudantes da rede básica.

Notas

^I Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na área de História, Cultura e Identidades. Foi bolsista durante o curso de mestrado por meio de financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em História – Licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Pesquisadora na área de Ensino e Didática da História, cuja produção se relaciona à cultura escolar e à aprendizagem histórica com livros didáticos.

^{II} Choppin, 2001

^{III} CHARTIER, 2002, p. 136-137.

^{IV} BAROM, 2019, p. 248.

^V GÜNTHER, 2006, p. 207.

^{VI} RÜSEN, 2015, p.31-54.

^{VII} BERGMANN, 1990, p. 29.

^{VIII} Chartier (2002)

^{IX} Rüsen (1994)

^X CHARTIER, 1991, p. 184.

^{XI} CHARTIER, 1991, p. 185-186.

^{XII} CHARTIER, 2002, p. 134-138.

^{XIII} Chartier (2002)

^{XIV} GARCIA, 2013, p. 81.

^{XV} FONSECA, 2009, p. 49.

^{XVI} Bittencourt (2008)

^{XVII} Cassiano (2008)

^{XVIII} STAMATTO; CAIMI, 2016, p. 235.

^{XIX} OLIVEIRA, 2013, p. 358.

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

-
- XX BITTENCOURT, 2008, p. 317- 318.
 XXI Chaves (2015)
 XXII RÜSEN, 2010, p. 45.
 XXIII RÜSEN, 2010, p. 44.
 XXIV RÜSEN, 2015, p. 43-44.
 XXV MIRANDA; ALVIM, 2013, p. 374.
 XXVI Cuesta Fernández (2002)
 XXVII CUESTA FERNÁNDEZ, 2002, p. 29.
 XXVIII CHARTIER, 1991, p. 185-186.
 XXIX Timbó (2009),
 XXX Chartier (2002)
 XXXI CHARTIER, 1991, p. 182.
 XXXII COSTA; SALIS; SALIS, 2018, p. 49-50.
 XXXIII Caimi (2018); Ramos (2018); Miranda e Almeida (2020)

Referências Bibliográficas

- BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, nº 19, p.29-42, set. 1989/ fev. 1990.
- BITTENCOURT, Circe Maria. “Livros e materiais didáticos de História”. In: _____. (org.) **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 293- 324.
- CAIMI, Flávia. Eloisa. Sob nova direção: o PNLD e seus desafios frente aos contextos político-educativos emergentes. **História Hoje**, v. 7, n. 14, p. 21-40, 2018.
- CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Mercado editorial escolar do século XXI: livros didáticos, apostilas e formação de professores. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. Curitiba, v. 3, p. 17-31, 2008.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Tradução de Andrea Daher e Zenin Campos Reis. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan/abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução de Mara Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- CHAVES, Edilson Aparecido. **A presença do livro didático de história em aulas do ensino médio: estudo etnográfico em uma escola do campo**. Tese (Dourado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.
- CHOPPIN, Alain. Pasado y presente de los manuales escolares. **Revista Educación y Pedagogía**. Medellín: Facultad de Educación, v. 8, n. 29-30, p. 209-229, jan./set. 2001.
- COSTA, Maria Paula; SALIS, André Ulysses de; SALIS, Carmem Lucia Gomes de. A apropriação do livro didático de História na perspectiva dos alunos. **Revista Outras Fronteiras**. Cuiabá, v. 5, n. 2, p. 37-53, jul./dez. 2018.

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. El código disciplinar de la historia escolar en España: Algunas ideas para la explicación de la sociogénesis de una materia de enseñanza. **Encounters on Education**, v. 3, p. 27-42, outono, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. Livros didáticos e paradidáticos de História. In: _____. **Didática e prática de ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. 8 ed. Campinas: Papyrus, 2009, p. 49-57.

GARCIA, Tânia Maria Braga. Os livros didáticos na sala de aula. In: _____. Schmidt, Maria Auxiliadora; VALLS, Rafael. **Didática, história e manuais escolares**: contextos ibero-americanos. Ijuí: Editora Unijuí, 2013, p. 69-102.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 22, n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006.

MIRANDA, Sonia Regina; ALVIM, Yara Cristina. Livros na batalha de ideias: a sedução da verdade no debate público em torno dos livros didáticos de História. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JR., Arnaldo. **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o Livro Didático de História**. Jundiaí: Paco Editorial; Campinas: Centro de Memória/Unicamp, 2013, p. 373-397.

MIRANDA, Sonia Regina; ALMEIDA, Fabiana Rodrigues. Passado, presente e futuro dos livros didáticos de história frente a uma BNCC sem futuro. **Revista Escritos do Tempo**, v. 2, n. 5, p. 10-38, jul./out. 2020.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a construção do saber histórico escolar. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JR., Arnaldo. **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o Livro Didático de História**. Jundiaí: Paco Editorial; Campinas: Centro de Memória/Unicamp, 2013.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Livro didático, currículo escolar e história pública: futuro do pretérito. **História & Ensino**. Londrina, v. 24, n. 2, p. 217-259, jul./dez. 2018.

RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Tradução de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher, 1994.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (orgs.). **Jörn Rüsen**: e o ensino de História. Curitiba: UFPR, 2010, p. 41-49.

RÜSEN, Jörn. Teoria da História: **Uma teoria da história como ciência**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira; CAIMI, Flávia Eloisa. O Livro Didático de História do Ensino Médio: critérios de avaliação e documentos curriculares. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 54, n. 41, p. 220-250, mai./ago. 2016.

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: COMO OS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA SÃO REPRESENTADOS E APROPRIADOS?

GASPAR, M. S.

TIMBÓ, Isaíde Bandeira. **O livro didático de História**: um caleidoscópio de escolhas e usos no cotidiano escolar (Ceará, 2007-2009). Tese (Doutorado em Educação). Natal, 2009.